

ASSENTAMENTO MILTON SANTOS: TERRITÓRIO, SUJEITOS E PRÁTICAS SOCIAIS



LUCÉLIA MARTINS DE SOUZA

Bacharel e Licenciada em Geografia pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP (2012). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EAD pela Universidade Federal Fluminense (2017); Agente do Brincar pela Associação Brasileira pelo Direito de Brincar – IPA (2017); Licenciada em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes- USP; Professora de Geografia no Ensino Fundamental II e Médio na EMEF Euclides de Oliveira Figueiredo.

RESUMO

O artigo analisa o Assentamento Milton Santos como uma experiência concreta da proposta Comuna da Terra do MST, discutindo a formação do assentamento, a trajetória dos sujeitos sociais envolvidos e as práticas cotidianas que configuram sua dinâmica interna. Localizado entre os municípios de Americana e Cosmópolis (SP), o assentamento representa uma experiência singular de reforma agrária nas franjas urbanas, articulando elementos do campo e da cidade. A análise evidencia como o processo de conquista da terra e de organização coletiva transformou a vida dos assentados, promovendo novas relações de trabalho, solidariedade e identidade. A pesquisa baseou-se em observação de campo, entrevistas e análise documental, buscando compreender como os princípios da Comuna da Terra se materializam nas práticas sociais cotidianas e nos desafios enfrentados pela comunidade. O estudo mostra que o Assentamento Milton Santos constitui um território em construção, permeado por contradições e potencialidades, que reafirma a luta pela terra como um projeto coletivo e emancipador.

PALAVRAS-CHAVE: Assentamento rural; Comuna da Terra; MST; Territorialidade; Práticas sociais.

INTRODUÇÃO

O Assentamento Milton Santos é resultado direto da proposta Comuna da Terra, formulada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no início dos anos 2000, no contexto de redefinição das estratégias do movimento frente às transformações do campo e da cidade. Localizado entre os municípios de Americana e Cosmópolis (SP), o assentamento expressa uma das experiências mais significativas da luta pela terra no estado de São Paulo, articulando a dimensão

territorial, social e simbólica do processo de reforma agrária.

A experiência do Milton Santos emerge em um período em que o MST buscava responder aos desafios impostos pela expansão urbana, pela precarização do trabalho e pela fragmentação das lutas sociais. A proposta da Comuna da Terra surge, nesse sentido, como uma tentativa de criar espaços de resistência nas fronteiras entre campo e cidade, afirmando a produção coletiva, o trabalho cooperado e a construção de novas territorialidades.

A justificativa do estudo reside na importância de compreender o assentamento como território vivo, resultado da ação coletiva e da luta social, mas também atravessado por contradições e desafios. O problema que orienta a reflexão é: como o Assentamento Milton Santos materializa os princípios da Comuna da Terra e de que maneira seus sujeitos sociais constroem e ressignificam o espaço e as relações de trabalho e solidariedade.

Assim, o artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada entre 2008 e 2009, que teve como objetivo compreender as práticas sociais e os significados atribuídos pelos assentados ao processo de conquista da terra e à vida comunitária. As falas dos moradores e a observação direta das atividades cotidianas permitiram apreender como se constituem os sujeitos sociais e como se configuram as formas de cooperação e identidade coletiva no assentamento.

As análises que se seguem baseiam-se em observação de campo e em entrevistas realizadas pela autora com moradores do Assentamento Milton Santos. Para preservar a identidade dos participantes, os nomes utilizados nas citações ao longo do artigo são pseudônimos.

O ASSENTAMENTO MILTON SANTOS E O CONTEXTO REGIONAL

O Assentamento Milton Santos está situado em uma área de aproximadamente 103 hectares, entre os municípios de Americana e Cosmópolis. A terra pertenceu anteriormente a uma usina de açúcar e álcool desativada, sendo posteriormente desapropriada pelo INCRA. O processo de ocupação foi marcado por um intenso conflito judicial e por forte resistência por parte do antigo proprietário e de setores locais que se opunham à instalação do assentamento.

Durante o trabalho de campo, os assentados relataram que “a luta pela terra foi também uma luta pela permanência”, uma vez que enfrentaram não apenas a demora nos trâmites legais, mas também a desconfiança da população urbana próxima. Uma das entrevistadas afirma:

A gente teve que provar que era capaz de ficar aqui. No começo diziam que a gente ia destruir tudo, que não ia dar certo. Hoje o pessoal da cidade vem comprar nossas verduras e sabe que a gente trabalha de verdade. (Entrevistado João)

A localização do assentamento, nas margens da Rodovia dos Bandeirantes, confere-lhe um caráter singular: está imerso em um ambiente de transição, onde o rural e o urbano se misturam. Essa condição favorece o diálogo com mercados locais e com a sociedade urbana, mas também impõe desafios à reprodução da vida camponesa, como o custo elevado de insumos e o acesso limitado à assistência técnica.

TRAJETÓRIAS DE VIDA E A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS

O assentamento possui pessoas que nasceram em diversas regiões do Brasil, com destaque para o Sudeste (16), Sul (9) e Nordeste (7). Os estados que mais contribuíram nesse contingente foram de São Paulo (13), Paraná (8) e Bahia (4), o que revela um movimento de migração dos dois últimos estados para São Paulo, seja por conta da proximidade, seja a Bahia com o seu histórico de migração respectivamente.

Tabela 3: Origem dos entrevistados (UF)

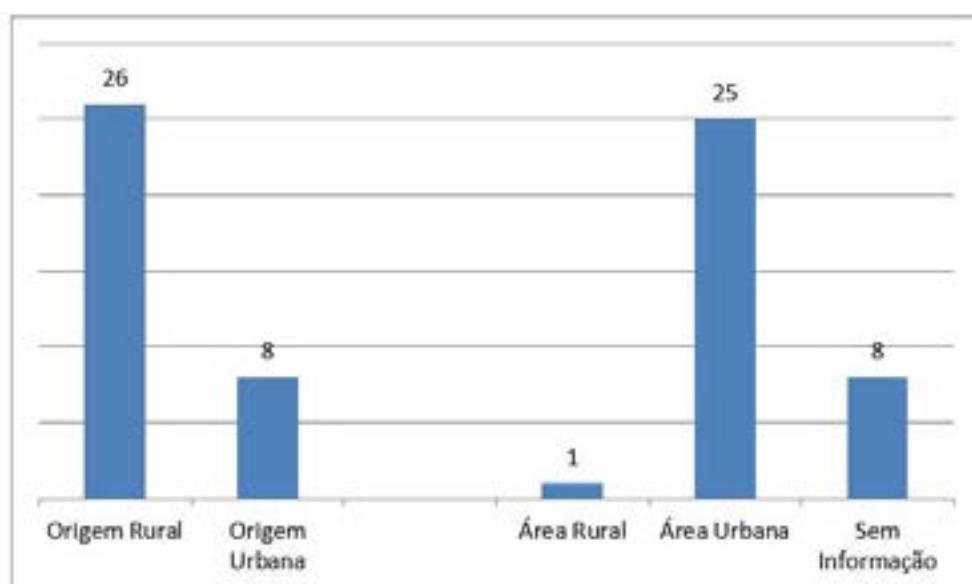
Região	Estado	Qde.	Total
Norte	PA	1	1
Nordeste	BA	4	7
	PE	2	
	SE	1	
Sul	RS	1	9
	PR	8	
Sudeste	SP	13	16
	MG	3	
Centro- Oeste	MT	1	1

Fonte: Entrevistas do Projeto Ensinar com Pesquisa, realizadas entre 2008 e 2009.

Sistematização: Lucélia Martins de Souza, Novembro de 2011.

As famílias do Assentamento Milton Santos são compostas por trabalhadores com origens diversas — muitos vieram de áreas rurais próximas, outros de periferias urbanas de Campinas, Sumaré e Hortolândia. Essa heterogeneidade é um dos elementos que conferem à experiência o seu caráter híbrido e inovador.

Gráfico: 1: Origem das famílias e residência anterior ao assentamento (nº pessoas)

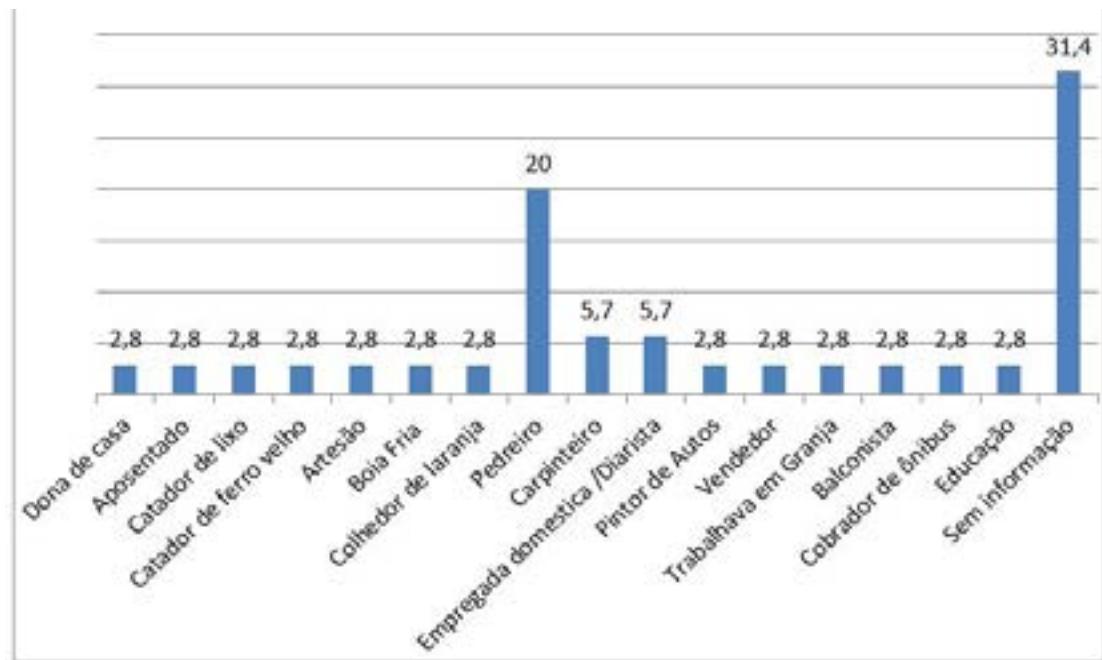


Fonte: Entrevistas do Projeto Ensinar com Pesquisa, realizadas entre 2008 e 2009.

Sistematização: Lucélia Martins de Souza, Novembro de 2011.

Mesmo tendo origem rural, essas famílias podem ser consideradas urbanas, pois se distanciaram das práticas agrícolas, desenvolvendo uma gama de atividades vinculadas à cidade. Mas também pode-se pensar o caminho inverso, a mescla dessas práticas (campo-cidade), uma influenciando a outra.

Gráfico: 2: Profissão anterior ao assentamento (%)



Fonte: Entrevistas do Projeto Ensinar com Pesquisa, realizadas entre 2008 e 2009.

Sistematização: Lucélia Martins de Souza, Novembro de 2011.

Em seus relatos, os assentados expressam uma profunda transformação em suas identidades após o processo de conquista da terra. Como afirma um dos entrevistados:

Antes eu trabalhava de servente na cidade, vivia de aluguel e sempre com medo de ser mandado embora. Aqui eu aprendi a plantar, a cuidar da terra e a viver junto com os outros. A gente briga, discute, mas tem respeito e sabe que só dá certo se for junto. (Entrevistada Maria)

Outro morador reforça essa dimensão coletiva da experiência:

A gente não veio pra ter um pedacinho de terra só pra gente. O que a gente quer é um jeito diferente de viver, onde todo mundo ajuda. Isso aqui é uma escola, a gente aprende todo dia. (Entrevistada Silvana)

As trajetórias pessoais mostram que o assentamento é, ao mesmo tempo, um espaço de reconstrução material e simbólica. Nele, o trabalho se transforma em instrumento de pertencimento e autonomia. O processo de formação política promovido pelo MST contribuiu para fortalecer esse sentimento, por meio de cursos, assembleias e atividades de base que incentivam a reflexão sobre cooperação e solidariedade.

A PRODUÇÃO E A COLETIVIDADE NO COTIDIANO

A dinâmica produtiva do Assentamento Milton Santos baseia-se na agroecologia e na coope-

ração. As famílias cultivam hortaliças, legumes, frutas e criam pequenos animais, destinando parte da produção ao autoconsumo e o excedente à comercialização em feiras locais.

A comercialização e escoamento da produção são realizados oficialmente pelo programa do governo Doação Simultânea (através da CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento), e em menor escala pelo projeto de economia solidária vinculado à Rede de Produção e Consumo Responsável do Instituto Terra Mater, apresentados pelos alunos do Grupo Terra da ESALQ (Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz), além da venda de forma individual e alternativa em comércios da região ou através de familiares.

No programa Doação Simultânea, o governo adquire alimentos dos assentados e doa parte dele para instituições sociais da região. Cada assentado pode entregar (vender) sua produção até completar um limite de R\$ 3.500,00 por ano. A compra no Assentamento Milton Santos fica a cargo da CONAB, intermediada pela Conterra (associação do próprio movimento), que é responsável pela coleta da produção e pagamento dos assentados.

Foto 1: Exemplo de pequena criação



Autora: Lucélia Martins de Souza, 2009.

Os mutirões são momentos de trabalho e convivência coletiva. Como relatou uma das assentadas:

“Nos mutirões a gente trabalha junto, canta, conversa, troca ideia. Não é só pra plantar, é pra se animar também.” (Entrevistada Dulce)

O assentamento também mantém parcerias com escolas e universidades, recebendo estudantes e pesquisadores interessados na experiência. Essas trocas contribuem para fortalecer o vínculo entre o assentamento e a cidade, ampliando sua visibilidade e reconhecimento.

Além da produção agrícola, a comunidade desenvolve atividades culturais e educativas, como festas, oficinas e encontros formativos. Essas ações reforçam o caráter comunitário e ajudam a transmitir os valores da Comuna da Terra para as novas gerações.

No dia a dia do assentamento, o trabalho coletivo vai além da necessidade de plantar ou colher. Ele se transforma num espaço de aprendizado, onde o diálogo, a escuta e o apoio mútuo fazem parte da rotina. Nos mutirões e nas assembleias, é possível perceber como o fazer junto

ensina mais do que qualquer curso: ali se aprendem valores de convivência e de solidariedade que fortalecem a comunidade. Produzir, nesse contexto, é também um jeito de educar e de se reconhecer no outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Assentamento Milton Santos constitui uma experiência emblemática da proposta Comuna da Terra, demonstrando que é possível articular o acesso à terra, a produção agroecológica e a gestão coletiva em territórios nas fronteiras entre campo e cidade. A análise das trajetórias dos assentados e de suas práticas cotidianas revela um processo complexo, no qual se articulam conquistas e desafios.

Mais do que um espaço de produção, o Milton Santos se configura como um espaço de resistência e de formação de sujeitos sociais comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa. Sua experiência reafirma o papel do MST como agente de transformação social e a reforma agrária como instrumento de democratização do território e de construção de cidadania.

As falas dos assentados revelam que a conquista da terra não representou apenas uma mudança material, mas também uma transformação subjetiva e política. O território torna-se, assim, um espaço de resistência e aprendizado, onde se constrói diariamente uma nova forma de viver e produzir.

O tempo mostrou que o Assentamento Milton Santos segue firme, mesmo com todas as dificuldades. A experiência demonstra que, quando a terra é organizada de forma coletiva e guiada pela solidariedade, ela produz mais do que alimento: produz vínculos e novas formas de viver. Mesmo diante das mudanças no campo e na cidade, o assentamento continua sendo uma referência de resistência, de esperança e de futuro construído com as próprias mãos.

Embora o assentamento enfrente dificuldades relacionadas à infraestrutura, comercialização e apoio institucional, sua existência reafirma a atualidade da luta pela reforma agrária. O Milton Santos é exemplo de que a terra, quando trabalhada coletivamente, pode ser espaço de dignidade, solidariedade e futuro.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a questão agrária no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDFARB, Yamila. **A luta pela terra entre o campo e a cidade: reforma agrária, movimentos sociais e novas formas de assentamentos.** São Paulo: Annablume, 2007.

MATHEUS, Delwek. **Proposta Comuna da Terra**. São Paulo: MST, 2003.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A reforma agrária e a questão da titulação da terra**. São Paulo: USP, 2000.